

Notas Sobre Livros

Um passeio pela já tradicional Feira do Livro da Cinelândia, a observação sobre o que mais interessa ao público comprador, o que folheiam os leitores, o que mais compram, com a ajuda de informações dos vendedores, revela-nos este ano um fato curioso: a preferência pelas obras científicas, técnicas de filosofia, política, história, sociologia. De preferência obras marxistas. A ficção e sobretudo a poesia estão ficando para trás.

E um fato novo. Novo e bastante sintomático. Estamos chegando à idade da razão. A parcela alfabetizada da população brasileira dos grandes centros urbanos com uma certa capacidade aquisitiva, não obstante os preços muitas vezes proibitivos, compra livros que proporcionem conhecimentos científicos e técnicos. É uma tomada de consciência do público brasileiro com a cultura moderna. O reconhecimento de que não podemos continuar a caminhar no ritmo que vínhamos mantendo, este ritmo latino-americano, de país subdesenvolvido, quando o próprio Continente americano é sacudido pelas formidáveis transformações sociais, econômicas e políticas que mudam a face da Terra. Cuba não é obra do acaso ou da vontade individual de um grande homem. Cuba é o desaporar da consciência da América da impiedade de acompanhar as transformações que se processam no mundo há mais de quarenta anos e para as quais pretendiam as classes dominantes que fechássemos os olhos.

Infelizmente, uma parte da intelectualidade brasileira está ficando à margem deste processo. Não são de autoria de intelectuais brasileiros as obras científicas e técnicas, de economia, de história, de sociologia, mais procuradas na Feira da Cinelândia. São de autores soviéticos, americanos, ingleses, franceses.

Pode-se argumentar: velhas culturas, é natural que delas nos venham os novos conhecimentos científicos e técnicos. Sim, não se pode exigir que de um país onde ainda subsistem tão fortes remanescentes feudais na agricultura e ainda sob tão sólido controle de capitais estrangeiros, se projetem luzes na ciência e na cultura em geral. Graças a Deus, porém, não se pode esquecer o futuro, reconhecendo isto, em linguagem muitas vezes contundente. Mas o fato é que a intelectualidade brasileira, em parte, está ficando amarrada ao passado, correndo o grave perigo de ter sua sorte comprometida com a das classes decadentes.

Que existem elementos sadios nesta intelectualidade, ninguém pode negar. Que surgem dia a dia novos talentos é também um fato. Mas é alarmante ver-se que uma parcela dessa intelectualidade vem nos últimos tempos sendo sistematicamente submetida a um processo de corrupção e que a ele se submete. O mecanicismo, no pior sentido, está sendo aplicado em larga escala. Velhos elementos de há muito corrompidos passam a filiar outros os vagem mais ou menos passivamente, por interesse ou ingenuidade.

E verdade que em todas as épocas de transição, e de transição violenta, como a nossa, mais ainda, o intelectual fica entre dois fogos: a revolução e o conservadorismo ou a reação. É uma situação inevitavelmente difícil. Mas a decisão não depende só do instinto de classe; depende também da consciência da realidade. E temos que reconhecer que o mecanicismo atual, em proporções jamais vistas no Brasil, não é uma literatura e uma arte novo populares, mas a serviço das classes decadentes. Mais ainda, se não nos exercermos, em todos os domínios da cultura, a crítica sistemática dos valores negativos da burguesia e do latifúndio, não estaremos abrindo horizontes que anseiam por uma mudança na estrutura econômica e na superestrutura que lhe dá de corresponder.

Não se diga que não existem no Brasil classes e forças sociais e políticas anseando por uma mudança — não uma mudança jacobina, demagógica, de horários e inquirições entre amigos, mas uma mudança realmente revolucionária, que coloque o Brasil ao compasso de uma nova época que está impondo sua presença no mundo.

E aqui não podemos ser pessimistas. Existem elementos sadios da intelectualidade brasileira que reagem àquela tendência mecanicista e se colocam ao lado das forças revolucionárias. Outros elementos surgem dia a dia — e não é fortuito o interesse crescente demonstrado por aquele tipo de literatura que tem hoje a preferência na Feira do Livro.

Rui Facó

A CONTECIMENTOS

Não farei dos acontecimentos mais importantes ocorridos no mundo, tal como o nascimento da primeira república socialista das Américas em Cuba, nem do arrastar de dentes de Kennedy ameaçando com a guerra os americanos — do centro e do sul — que desejaram ver seus países livres; não farei da luta dos povos pela liberdade e autodeterminação em várias latitudes, mas sim de coisas pitorescas que andam acontecendo. Também devemos rir que o riso desce para o fígado, como já diz o ditado.

Assim, uma coisa para rir, é este acontecimento: a Igreja católica anda expulsando santos. Ninguém sabe ao certo as razões, mas o fato é que S. Jorge, Santa Filomena, Anacleto e Marcelino que até agora eram pessoas santificadas e portanto levadas aos céus como digníssimas, merecedoras de joelhos por terra, mais padres-nossos e aves-marias, acabaram de ser desligados de todos os poderes passando a vir mortais como tu e eu, leitor amigo.

Pessoalmente nada tenho a ver com isso e dos expulsos só tenho simpatia por São Jorge. Não branco é seu cavalo e tão pouco monstro é o monstro que ele está sempre matando com uma lança. Há várias razões para que eu goste de São Jorge e uma delas está contida num poema do gaúcho Mário Quintana que diz que quando alguém consegue amarrar uma fita no pescoço de um monstro e chamá-lo de «joli», adeus monstro.

Mas voltando aos expulsos, o Papa João XXIII está com a máscara e a prova é que além da expulsão desses santos (sem pistóla com certeza) várias festas religiosas estão proibidas para acabar — é o que leio num jornal — com emitos e «devoções duvidosas». O Papa fez como João Quadros: criou comissão de sindicância, bilhetes urgentes, acabou com essa gente (justamente como João faz com seus inimigos políticos) e esses santos expulsos serão substituído por outros, mais dignos. De todas as festas cortadas, não entendi: a comemoração da pureza de Maria que é no dia 15 de outubro. Morrendo e aprendendo, pois nunca soube que havia essa festa de quem que acha muito direito comemorarmos a pureza de alguém.

Não deixo de ser agraciado, pois não? Mas há outras: dois homens roubaram um poste. Roubaram não; encontraram o poste na chiba vítima naturalmente de um desses loucos ômbus ou lotações que atravancam a cidade derrubando tudo inclusive vidas humanas. Coisas ao chão, jogada, nesta Guanabara que Lacerda transformou num monturo de lixo e mais lixo por todo canto (esse governador é de morte), lixo, mesmo que seja um poste pesado, não me parece que seja motivo de roubo; os homens pegaram o bicho, puseram num carrinho de mão e iam levando-o para o ferro-velho quando a polícia apareceu. Digam, ladrão de um poste jogado fora é ladrão?

A semana foi riquíssima de pitoresco. Todos os jornais acompanharam com um desvelo impressionante a doença de Cacareco, o rinoceronte que a falta de consciência do que é o direito do voto um dia elegera para a Câmara Municipal de S. Paulo. Cacareco felizmente não tomou conhecimento dessa indignidade. Continuou sua vida de rinoceronte e agora, durante dias e dias, os jornais se perguntavam o que ele teria. Doença do intestino ou mal de amor? Apareceram entrevistas com o diretor do Zoo, palpitantes daqui e dali. Felizmente Cacareco já está bom; deixou de ser notícia.

Vocês acharam graça nesses acontecimentos? Eu acho e tanto que quero fazer com que vocês riam como eu ri. O riso desce para o fígado e o fígado que com o trágico momento brasileiro que estamos vivendo é bom despolir sempre que possível. O riso é também uma arma.

Eneida

Tópicos Típicos

As escavações que vêm sendo feitas no local onde existia a cidade de Pompéia, soterrada por uma erupção do Vesúvio há dois mil anos, tem proporcionado inúmeras surpresas aos arqueólogos.

Na semana passada, foram desenterrados diversos corpos mumificados pelas cinzas vulcânicas. A fisionomia de um dos cidadãos exumados lembrava — estranhamente — a do professor Eugênio Gudin.

Antisocialista coerente, o jornal O GLOBO pregou, na edição de 26 de abril de 1961, um formidável poço-pis na língua falada pelos brasileiros, isto é, no idioma português. Em letras garrafais, encimando a página de notícias internacionais, o órgão de João Neves da Fontoura proclamava: «Lealdade das Tropas na Argélia Deram Vitória à De Gaulle. Quer dizer: a lealdade «deram» e a concordância «entraram» pelo caso...

Animação nos Estados Unidos durante a última semana: o coronel Sheppard deu um pulo de 180 km e voltou vivo ao solo, dentro de um foguete. Bateu Gagárin, em matéria de coragem: subiu em um foguete norte-americano.

A propósito, conta-se que, quando chegou lá em cima, o coronel Sheppard olhou para a Terra e disse, pelo rádio: — A Terra é azul!

Ao que o operador, aqui de baixa, retrucou: — Isso é piada, meu velho. Diga alguma coisa diferente. Diga que a Terra é de outra cor qualquer.

Mas logo advertiu: — Mimos vermelha.

É realmente infeliz a idéia presidencial, já comentada por Eneida, nossa dilata vizinha aqui de cima, de mandar escritores para o estrangeiro, ocupando cargos diplomáticos.

Se, no entanto, o sr. Jânio Quadros perseverar no seu plano e insistir em levá-lo adiante, encaminhar-lhe-emos uma sugestão: Reynaldo Jardim para Brejo São.

Estamos informados de que Chulipa Bascape está muito interessada no teatro integral.

Contamos um amigo que um dos livros mais procurados na barraca da Editorial Vitória, na feira de livros da Cinelândia, tem sido o estudo de Engels sobre «O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem». Ah, o nosso amigo estava por lá quando viu um cidadão se aproximar e perguntar, sobre o referido livro: — É por acaso uma biografia do Pena Bot?

Mas o vendedor da Vitória informou: — Não. No caso é que o senhor se refere, o papel do trabalho é nenhum. E tampouco a transformação se realiza.

Pedro Severino

São Paulo Repudia Agressão: Povo Está ao Lado de Cuba

Na última semana, a Comissão Paulista de Solidariedade a Cuba, apoiada por sindicatos e associações estudantis, levou a efeito na praça da Sé a penúltima de uma primeira série de manifestações em apoio a Fidel Castro.

Os manifestantes receberam a visita de d. Célia Guevara, que se exortou à luta pela independência nacional e agradeceu as provas de solidariedade que vem recebendo dos mais diversos setores de São Paulo.

Uma grandiosa passeata luminosa teve lugar em seguida, percorrendo os fiavelistas as principais ruas da cidade, conduzindo as bandeiras cubanas e brasileira, sob o espocar constante de foguetes.

Visita ao Cônsul

Os deputados Cid Franco, Luciano Lepera, Jethero Faria Cardoso, o líder sindical Xavier dos Santos e o acadêmico Anconia Lopes visitaram o cônsul norte-americano em São Paulo, fazendo-lhe a entrega de memorial nos seguintes termos:

«Os abaixo-assinados, representantes de partidos políticos, parlamentares, intelectuais, trabalhadores e estudantes, apresentamos-lhe o seu protesto contra as declarações do presidente Kennedy, que violam a doutrina Pan-Americana de não intervenção, procurando assim justificar sua política agressiva contra os povos da América Latina, particularmente contra Cuba. Pedem os abaixo-assinados que V. S. na qualidade de cônsul geral dos EUA em São Paulo, faça chegar ao seu governo este protesto.

Não podemos, de forma alguma, concordar com a nova doutrina que o presidente Kennedy pretende inaugurar, aniquilando o direito de autodeterminação dos povos, para colocá-los sob o domínio dos destinos da América Latina, subordinando-os aos interesses dos EUA. Isto seria pilhéria se não se tratasse de inominável abuso.

Para todos os povos do mundo, e não exclusivamente para os latino-americanos, o direito de autodeterminação corresponde à afirmação de sua liberdade que será defendida a qualquer preço.

A defesa do chamado «mundo livre» não pode servir de pretexto para que os EUA imponham uma ordem econômica contrária às aspirações dos povos latino-americanos.

Os abaixo-assinados, na certeza de traduzirem os sentimentos dos povos latino-americanos e particularmente do povo brasileiro, condenam com veemência toda tentativa de limitação de soberania de nossos países, através de pressões econômicas e políticas, ou de recursos às armas.

a) — Rio Branco Paranhos, Rinaldo Costa Pereira, Aurelio de Andrade, J. A. Silva Ribeiro (vereadores); — Luciano Lepera, Antônio Moreira, Cid Franco, Jethero de Faria Cardoso (deputados estaduais); — prof. J. B. Villanova Artigas (FAU), Frota Moreira (Presidente do Diretório do PTB), Febus Gikovate (Presidente do

Reverenciada

a memória de Lênin em S. Paulo

Patrocinados por NOVOS RUMOS, realizaram-se dois atos públicos em homenagem à memória de Lênin. Um em Santos, na sede da sucursal deste jornal, com o comparecimento de dezenas de trabalhadores, quando usou da palavra o jornalista Moisés Vinhas, que discorreu, durante mais de duas horas, sobre a personalidade do eminente chefe da revolução socialista de Outubro. O conferencista examinou a vida de Lênin, destacando sua contribuição teórica ao movimento comunista e a sua extraordinária capacidade de organização, que deu origem ao Partido dirigente e organizador da revolução de 1917.

Na Biblioteca Municipal, em São Paulo, o professor Mário Schenberg pronunciou também uma conferência, tendo a presidência o desembargador Patrocínio Galotti, de Santa Catarina, de passagem pelo Estado. Schenberg analisou os êxitos da URSS a partir de 1917, demonstrando com dados e números o avanço do socialismo e sua superioridade frente ao regime capitalista. Demorou-se ainda o conferencista na análise dos êxitos da URSS nos campos da saúde pública, educação e cultura, reportando-se, finalmente, à viagem de Gagárin ao espaço cósmico.

A Melhor de Todas as Feiras de Livros

A melhor de todas as feiras de livros. Esta é a opinião unânime das editoras e livrarias que têm suas barracas instaladas na Praça Floriano. É também a opinião do gerente e encarregado da Editorial Vitória, entre todas a barraca mais concorrida, embora o relativamente pequeno número de seus títulos. Mas é enorme e crescente o interesse do público pelas obras marxistas (aliás, vendidas hoje por várias barracas); pela literatura sobre a vida nos países socialistas, inclusive o caçula entre eles: Cuba. Pelas informações que obtivemos na barraca da Vitória, é a seguinte a ordem de preferência do grande público: em primeiro lugar, os três volumes, de bela apresentação gráfica, da coleção de História: História da Antiguidade, de Michulin; História da Idade Média, de Kosmink e História Moderna, de Elinov. Vem depois, publicações recentes dedicadas a problemas científicos popularizados, como O voo ao espaço cósmico, Da Terra à Lua, O olho e o Sol, ABC do sistema so-

lário, todos de autores soviéticos. O grandioso feito de Gagárin veio aumentar grandemente a procura destas obras. Em terceiro lugar, bem próximo dos primeiros, está esse magnífico livro clássico de Engels que é A origem da família, da propriedade privada e do Estado, numa primorosa edição da Vitória. Seguem, depois, pela ordem de venda: O ghetto de Varsóvia, O Cavaleiro da Esperança, de Jorge Amado, Brincando de Matemática, e as revistas União Soviética, China Reconstruída e INRA (órgão do Instituto de Reforma Agrária Cubana). São revistas com magnífica apresentação gráfica, bem ilustradas e que atendem, em parte, à grande curiosidade popular pelos feitos do socialismo. A opinião geral é de que mais livros e publicações como estas tivessem a barraca da Vitória (nº 39, em frente ao antigo Supremo Tribunal) e mais venderia, pois são estes os assuntos prediletos de um considerável setor da população.



Bandeira cubana em toda parte

Dia a dia, e em todos os lugares do mundo, renovam-se as manifestações de repúdio à agressão imperialista a Cuba. A foto reproduz um aspecto parcial do grande comício realizado em São Paulo, na semana passada.

CHRISTIAN ECHARD, SECRETÁRIO-GERAL DA FMJD EM ENTREVISTA A NR

Atividades na América Latina e Agressão a Cuba Temas Centrais Tratados em Santiago

«Consideramos uma grande vitória do movimento juvenil democrático internacional a realização, pela primeira vez em um país da América Latina, do Comitê Executivo da Federação Mundial da Juventude», declarou o reportagem de NOVOS RUMOS, Christian Echard, Secretário Geral daquela Organização, procedente de Santiago do Chile.

O conhecido dirigente juvenil internacional, que permaneceu em nosso país três dias, durante os quais manteve conversações com diferentes organizações estudantis, sindicais e políticas da juventude do Rio e de S. Paulo, falou-nos sobre o apelo que a F.M.J.D. recebeu em nosso Continente por parte de importantes entidades. Destacou que dos numerosos convites feitos para a participação na reunião do Comitê Executivo apenas uma organização negou-se a aceitá-lo, e cerca de 18 filiaram-se à F.M.J.D. Sobresaltou algumas citações de alguns exemplos da América Latina: Associação dos Jovens Esperanças da Fraternidade de Cuba; Vanguarda Urredista, Movimento da Esquerda Revolucionária, Federação Nacional dos Estudantes Técnicos da Venezuela; Frente Unificada da Nicarágua; Frente de Reforma Universitária de Honduras; Juventude Democrática Nacional, Confederação Nacional dos Estudantes Diurnos e Noturnos do Chile, etc. «Muitas outras acrescentou, aguardam seus congressos anuais para tomarem decisão sobre sua filiação, como é o caso de Juventude Socialista do Japão».

A agressão uniu a todos

Referindo-se ao momento político em que se realizou o Comitê Executivo da F.M.J.D. na capital chilena, Echard considerou-o bastante delicado, porém muito significativo como teste sobre o grau de maturidade política da juventude latino-americana. E argumentou: «Reunimo-nos, no momento exato em que tropas mercenárias desembarcavam nas praias de Havana ferindo, brutalmente, a soberania do povo cubano. E desde então tudo foi alterado, inclusive a ordem — do-dia previamente elaborada. Cuba passou a ser o centro de tudo. E foi então que pudemos assistir a fatos como este: a Juventude Socialista do Chile que dias antes se negara a participar da reunião do Comitê Executivo, diante dos acontecimentos, procurou-nos e deu todo o seu apoio às or-

ganizações juvenis cubanas presentes em Santiago e não vacilou em assinar o leito da Resolução Conjunta de apoio ao governo e ao povo daquele país.

Birô da Federação funcionará em Santiago

Sobre os resultados da reunião de Santiago afirmou-nos Echard que eles foram os mais proveitosos possíveis e de grande interesse para a América Latina. «Chegamos ao término de nosso encontro com resoluções que somadas constituem um verdadeiro programa de ação para o trabalho futuro da F.M.J.D. neste Continente».

Falou-nos a seguir cheio de entusiasmo das novas diretrizes adotadas: «Atendendo a um apelo feito por diferentes entidades membros da Federação ou simples observadoras participantes da reunião, resolvemos criar um Birô da F.M.J.D. para a América Latina cuja sede ficará em Santiago, e com isso estamos certos de que poderemos reforçar em muito nossas ligações com as organizações juvenis deste Continente».

«Tournée» pelo sul do continente

Após a reunião de Santiago, Christian Echard realizou uma pequena «tournée» através da Argentina, Uruguai e Brasil para, segundo suas próprias palavras, «cabecear melhor a situação em que vive o jovem latino-americano». Sobre essa viagem concluiu que teve oportunidade de ver e ouvir muitas coisas interessantes que certamente muito contribuirão para o desenvolvimento do trabalho da F.M.J.D. na América Latina. Disse que reuniu na Argentina, com círculos de jovens cooperativistas e que todos foram unânimes em apoiar a idéia de um encontro de jovens camponeses latino-

-americanos para discussão do tema «Reforma Agrária». No Uruguai, reina grande interesse por um Seminário de Jovens Operários. No Brasil, importantes organizações juvenis como a UNE, UREJ, Juventude Socialista, e Mocidade Trabalhista estão prontas a estabelecer um sistema de colaboração mais estreita com a F.M.J.D. «De nossa parte afirmamos Echard — estamos certos de que tudo faremos para atender esse objetivo. Por exemplo, atenderemos com grande satisfação o convite feito pela Mocidade Trabalhista a fim de que participemos de seu Congresso Nacional a realizar-se ainda este ano».

Birô em outubro

Atendendo a uma última pergunta feita sobre qual o grau do fortalecimento mundial da Federação o Secretário-Geral dessa entidade informou-nos que ela vem crescendo ininterruptamente em todos os continentes sobretudo a partir da V Assembleia Mundial da Juventude realizada em 1958 em Praga. «Contudo não estamos suficientemente contentes com esse crescimento, explica-nos ele: ainda pretendemos crescer muito e nos fortalecer ainda mais até à VI Assembleia cuja realização ocorrerá após o Festival Mundial da Juventude de 1962. Para isso prepararemos com grande atenção a reunião do Birô da F.M.J.D. para outubro o qual terá como principal tarefa estudar os planos e programas para a sétima grande encontro internacional de jovens».

Encerrando nossa entrevista, concluiu: «Nossas futuras reuniões constituirão, sem dúvida novos marcos na marcha vitoriosa que empreendemos em Londres, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, no sentido de unir os jovens de todo o mundo pelos mesmos laços de amizade, espírito de colaboração e ajuda mútua, na defesa da paz mundial e dos sagrados direitos das jovens gerações».

AVIÕES E BOMBAS CONTRA POPULAÇÕES INERMES

ANGOLA: POVO EM LUTA ENFRENTA BÁRBAROS SALAZARISTAS

«A África decidirá o destino de Salazar» — afirmou um historiador americano no momento em que milhares de angolanos, muitas vezes sem armas, iniciavam a luta pela libertação de sua pátria e para expulsar o colonialista português. Estes primeiros meses de 1961 registraram o recrudescer dessa luta, após uma série de medidas repressivas adotadas pelos portugueses contra os nativos, os massacres cometidos pelos paraquedistas contra populações inteiras daquele território africano. Ao mesmo tempo que a reação se transformava em luta armada que hoje se espalha por vastas regiões da colônia, a ONU denunciava os crimes do colonialismo português e aprovava uma resolução visando investigar as denúncias sobre genocídio que estava sendo praticado pelas autoridades portuguesas na África.

Uma das mais antigas possessões lusitanas, Angola constitui uma das mais produtivas regiões da África e fonte de rendas inesgotáveis para os colonizadores. Sob a capa de uma aparente igualdade, os nativos angolanos têm sido vítimas da mais brutal exploração e discriminação, vivendo nas piores condições de miséria. De uma população de 4.300.000 habitantes, quatro milhões são considerados «não-civilizados», vivendo e trabalhando como verdadeiros escravos. A exploração do povo português paga com a falta de assistência e a violência. A percentagem dos analfabetos no país é de 97%, o salário médio anual de um trabalhador não ultrapassa o índice de 8 mil cruzeiros! As manifestações contra a miséria são esmagadas com a mais brutal violência: trabalhadores são fuzilados porque reclamam melhores salários, milhares são encarcerados e assassinados, as vilas indígenas são constantemente varredas pelos soldados salazaristas, que cometem toda a sorte de violência.

A luta anticolonialista

Unidos em torno do Movimento Popular de Libertação de Angola, os patriotas lutam para extirpar o colonialismo do país. A organização desse movimento, que hoje lidera a luta armada pela expulsão do explorador europeu, no qual se unem as tendências democráticas e patrióticas de Angola, foi estabelecida à base da elaboração de um programa comum de ação visando a libertar Angola e no qual estão traçadas as diretrizes políticas e econômicas da nova nação independente que surgirá.

Assassinos fascistas A luta em Angola abalo seriamente a ditadura salazarista na própria metrópole. O tirano realizou um extenuante esforço e nas forças armadas o Ministério da Guerra assumiu o comando do exército. É o próprio Salazar que está enviando aviões e paraquedistas para massacrar o povo angolano, aviões e armas norte-americanas, numa desesperada tentativa de afogar a luta daquele povo num verdadeiro banho de sangue. A seu lado estão os colonialistas da OTAN. Contra os colonialistas portugueses estão todos os povos do mundo, do Ocidente e do Oriente. Não estão, no Brasil, os Marinheiros de «O Globo», defensores «interessados» de Salazar, que não abrirão a entrevista do fascista Rocheta, representante do verdugo português no Brasil, que tem a ousadia de falar em defesa da liberdade e de princípios que se contrapõem à própria essência do regime salazarista. No mais puro estilo racista, Rocheta fala sobre os «bárbaros negros» que massacram populações brancas inermes, quando o mundo todo, com exceção do coronel brasileiro, já condena os crimes de Portugal colonialista contra o povo angolano. Os assassinos brutais cometidos contra velhos, mulheres, crianças e até sacerdotes católicos que protestavam contra os mesmos.